

## *Cézanne*

Charles-Ferdinand Ramuz

Edição comemorativa, vol. 7. Lausanne: Rencontre, 1967, p. 67-71.

Pourquoi venir le chercher ici quand il n'y était plus, quand il ne pouvait plus y être? c'est ce que je me répétais. Il me le fallait vivant.

Je n'ai eu qu'à sortir de la ville; elle n'est pas grande. [...]

On ne voyait rien encore, à cause des murs, dépassés seulement de distance en distance par la cime d'un cyprès ou des feuillages ronds; mais quand celui que je cherchais s'est enfin dressé devant moi, c'est de partout qu'il s'est dressé, me sautant contre.

Cette ruine qu'une large crevasse prend en travers, surmontée d'un toit à un seul pan; ces superpositions de rochers gris par couches et bancs horizontaux, entre lesquels il y a comme des paliers de gazon; les hauts fûts tordus et roux des pins qui semblent s'entre-croiser au hasard sur un fond de terrain en pente, et pourtant une loi sévère décide de leur direction; comment cette branche d'un vert sourd a l'air frottée de haut en bas sur la toile même du ciel; ces groupements, ces rapprochements, l'encastré, le massif, l'essentiel de l'ensemble, et, au-dessus de tout cela, le ciel qui est la valeur la plus sombre, même à côté des verts dans l'ombre, quand midi redoutablement donne, détachant l'un de l'autre les volumes: où que je me tournasse, il se tenait et il n'y avait plus que lui.

Où il est, c'est ici, me disais-je (et ailleurs, sans doute, puisqu'il est dans tous les esprits), mais cherchant à le situer, extérieurement, si on veut, cherchant le socle: voilà bien où était le socle, et de belle pierre, comme il convenait. C'était bien, dans le lointain, cette pyramide de toits avec une tour qui la couronne pareille à un bâton planté dans un tas de cailloux; c'étaient bien ces lignes qui penchent, ces lignes qui vont de travers, si belles de pencher, si belles d'aller de travers; c'étaient bien aussi cette solitude. Là, la pierre et l'architecture règnent seules: la présence humaine n'y intervient pas. Je me rappelais ses paysages peints: l'homme n'y apparaît jamais, j'entends l'homme tel qu'on l'y rencontre, mais rarement, à cause de l'aridité du sol, et il n'y a ni labours, ni pâtures. Que m'importe l'heure chez lui, et la vie, disons sociale? Ce qui pousse tant d'autres à "animer" la nature, c'est qu'elle manque d'âme chez eux. Alors ils groupent des femmes autour de la fontaine, ils se raccrochent au "sujet"; l'anecdote survient tout naturellement, parce qu'ils sont dans l'accident. Ici, une nudité presque géologique. Il y a l'arbre, il y a la roche, c'est tout.

## Cézanne

*Ramuz empreendeu uma breve e inhabitual viagem, ou peregrinação, para conhecer a cidade do pintor Cézanne, com quem tanto se identificava, e aprender algo do ambiente no qual o artista viveu. Entretanto, rapidamente se deu conta que não encontraria o que estava procurando, o próprio Cézanne. Com efeito:*

Por que vir procurá-lo aqui, quando ele não estava mais, quando ele nem podia mais estar aqui? Era a pergunta que eu ficava repetindo. Precisava dele ainda vivo.

Só tive de sair da cidade; ela não é grande. [...]

Ainda não se conseguia enxergar nada, por causa dos muros, dominados apenas, a uma distância regular, pelo cume de um cipreste ou por copas de folhagens redondas; mas quando aquele que eu procurava se ergueu enfim diante de mim, ele se ergueu de todos os lugares ao redor, saltando contra minha face.

Esta ruína marcada obliquamente por uma fenda larga, coberta de um telhado de uma só aba; estas superposições de rochedos cinzentos em camadas e bancadas horizontais, entre as quais há como que andares gramados; as altas toras retorcidas e ruivas dos pinheiros que parecem se entrecruzar ao acaso com uma encosta ao fundo, e no entanto é uma lei rígida que decide sua orientação; a maneira pela qual este galho, de um verde surdo, parece ter sido esfregado de cima para baixo na própria tela do céu; estes agrupamentos, estas aproximações, o encaixe, o maciço, o essencial do conjunto, e acima disto tudo, o céu que é o valor mais escuro, mais até do que os verdes da sombra, quando a hora assustadora do meio-dia destaca, um após o outro, os volumes: para onde quer que eu me virasse, ali estava ele, não havia mais nada além dele...

O lugar onde ele se encontra é aqui, pensava eu (e em outros lugares, sem dúvida, já que ele está em todas as mentes), porém eu procurava situá-lo, exteriormente, se é que se pode dizer, procurando pelo alicerce: eis o alicerce, de bela rocha, assim como convinha. Era mesmo, lá longe, esta pirâmide de telhados com uma torre que a corava, parecida com um cajado fincado num monte de pedras; eram mesmo estas linhas inclinadas, estas linhas tortas, tão belas na sua inclinação, tão belas por serem tortas; era mesmo também esta solidão. Ali, a pedra e a arquitetura reinam sós: a presença humana não intervém. Eu me lembrava das suas paisagens pintadas: o homem não aparece nunca nelas, quero dizer, o homem tal como ali o encontramos, mesmo que raramente, por causa da aridez do solo, e não há nem lavoura, nem pasto. Em que me importa nele a hora, e a vida, digamos, social? O que impele tantos outros a “animar” a

Et il y a le mur aussi, mais le mur c'est encore le sol, puisque tout entier de rocher, ce sol, et d'un coup de pioche je le désagrège, en vue d'une reconstruction. Là aussi, totalité. Et, quand enfin l'homme est en vue, n'importe quel passant qu'il arrête sur la route, pour lui demander de venir poser, il l'envisage, comme le paysage, isolément, et en lui-même. Portraits, figures de buveurs, joueurs de cartes, femmes en peignoir dans un vieux fauteuil, ici c'est le paysage qui est absent; pas besoin d'un autre fond que le gris d'une paroi ou les dessins démodés d'un papier de tenture. Le costume, l'allure, le geste, peut-être bien qu'ils sont "exacts" et parfaitement caractérisés, mais comme cela nous est égal! De nouveau, ici, le volume, rien que le volume – et le sentiment, qui est si grand, si agissant, si noble parfois d'être contenu, tandis que d'autres le vilipendent et, ne le connaissant qu'en surface, l'éparpillent en surface dans l'arrangement et dans le "sujet", parce qu'ici il est profond et intimement mêlé à la chair, aux nerfs, au sang et substance lui-même, c'est par la forme seule que Cézanne prétend l'exprimer. [...]

Trop de peintres ont planté ici leur chevalet; pauvre pays d'aquarellistes! Midi facile, extérieur, Midi d'effets, Midi de taches, avec ce "beau soleil" qui est chanté dans les opéras: ah! son Midi à lui, par contraste, ce Midi grave, austère, sombre de trop d'intensité, sourd, en dessous, tout en harmonies mates, ces rapprochements de bleus et de verts qui sont à la base de tout et ce gris répandu partout, qui exprime la profondeur et qui exprime la poussière, parce que la lumière, après tout, est poussière, pour qui voit autre chose que la surface et l'accident. Une nature presque espagnole, par une sorte de passion contenue, qui gronde sans gesticuler; une terrible unité catholique de l'esprit et du sentiment, une terrible obligation à tout y faire rentrer.

Comme il est là, comme il est seul, comme tout le reste s'écroule! Comme tout est essai, ébauche, petit mensonge, comme tout est momentané auprès de lui!

natureza é precisamente que neles ela não tem alma. De modo que eles reúnem mulheres em torno do chafariz, eles se agarram ao “tema”; a anedota sobrevém naturalmente por eles se situarem no acidental. Aqui, uma nudez quase geológica. Tem a árvore, tem a rocha, e só. E tem o muro também, mas muro ainda é solo, já que é inteiramente feito de rocha, o próprio solo, que de uma marretada posso desagregar, para erguer uma nova construção. Ali também, totalidade. E quando, enfim, o homem está à vista, qualquer transeunte que ele pare na estrada pedindo para que sirva de modelo, ele o considera assim como a paisagem, isoladamente, por ele mesmo. Retratos, figuras de bebedores, jogadores de baralho, mulheres de roupão em velhas poltronas, a paisagem está ali ausente; nenhum outro pano de fundo a não ser a cor cinza de uma parede ou os desenhos fora de moda de um papel de parede. A roupa, o jeito, o gesto, talvez sejam “exatos” e perfeitamente caracterizados, mas tanto faz para nós! Novamente, aqui, o volume, apenas o volume – e o sentimento, de tanta grandeza, tão atuante, tão nobre às vezes por ser contido, enquanto outros o vilipendiam e, por o conhecerem apenas superficialmente, o espalham superficialmente no arranjo e no “tema”; mas aqui ele é profundo e intimamente mesclado com a carne, com os nervos, com o sangue, ele próprio sendo substância, e é apenas pela forma que Cézanne pretende expressá-lo. [...]

Foram muitos os pintores que, com efeito, instalaram a sua tela aqui, neste pobre país de aquarelistas! Provença fácil, exterior, Provença de efeitos, Provença de manchas, com este “belo” sol cantado nas óperas: ah! a Provença dele, por contraste, esta Provença grave, austera, sombria com intensidade, surda, ficando por baixo, toda de harmonias foscas, estas vizinhanças das cores azuis e verdes que estão na base de tudo, e este cinza derramado por toda parte, que expressa a profundidade, e que expressa a poeira, porque a luz, afinal, é poeira, para quem enxerga além da superfície e do acidente. Uma natureza quase espanhola, com esta espécie de paixão contida, que murmura sem gesticular; uma terrível unidade católica da mente e do sentimento, uma terrível obrigação de conter tudo nessa unidade.

Como ele está presente, como ele está só, como todo o resto desmorona! Como tudo é ensaio, esboço, pequena mentira, como tudo é momentâneo perto dele!

Tradução: Pierre Guisan